

O SER MULHER: UMA ANÁLISE INTERSEMIÓTICA ENTRE A FOTOGRAFIA E LITERATURA

ANA BEATRIZ REINOSO ROSSE¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²;

¹ Universidade Federal de Pelotas – anabeatrizreinoso25@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – claummattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A partir do século XIX, com o advento da fotografia, a humanidade obteve mais uma maneira de se expressar, agora, utilizando como ferramenta o jogo de luz e sombras. A linguagem fotográfica com o seu caráter de captura instantânea, foi, e ainda é vista por muitos como uma verdade absoluta, um testemunho incontestável e inquestionável.

Entre tudo, todas linguagens artísticas e produções derivadas dessas, dado o presente trabalho tomaremos a literatura e fotografia como exemplo, são uma captura do passado, fontes históricas abertas a interpretações.

A discussão proposta neste resumo comprehende a literatura e a fotografia como fenômenos diretamente ligados à vida social do indivíduo criador, visto que não são criações independentes. Elas são elaboradas em um contexto específico, em uma determinada localidade e em um certo período temporal, o que influencia seus caracteres sociais coletivos.

Assim entendendo, buscamos analisar as relações entre essas duas formas de narrar, a arte fotográfica e a arte literária, em especial, em representações do ser mulher a partir da ótica feminina e a tessitura do corpo feminino na trama da narrativa como forma de resistência, existência e reexistência do que é ser mulher e artista, e de sua capacidade de não somente fazer arte, mas sim, fazer-se em arte.

Para tanto, focamos na leitura reflexiva dos poemas “O retrato fiel” (1965) e “Ser mulher” (1915), de Gilka Machado, e das fotografias de Ana Gilbert, na exposição virtual Ficções do Eu, promovida pelo Coletivo Engasga Gato, em maio de 2021, integrando as ações da disciplina “Produção Cultural” do curso de Bacharelado em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); utilizando pensamentos de Guberman (1999) e Chauí (2006) para ponderar sobre o corpo feminino no texto e em sociedade.

2. METODOLOGIA

Gilka da Costa Melo Machado¹ desde criança manifestava o seu dom para escrita. Aos treze anos ela ganhou o concurso literário do jornal “A imprensa” (Rio de Janeiro, RJ), conquistando, não somente o primeiro lugar, mas também os segundo e terceiro utilizando pseudônimos, demonstrando assim seu talento com as palavras escritas desde pequena.

A escritora sempre publicou em jornais e revistas da época, porém, somente em 1915, aos vinte e dois anos, Gilka publicou seu primeiro livro, Cristais Partidos, uma estreia tumultuada e ruidosa. Aquela sociedade do início do século XX ficou escandalizada com a ousadia de uma mulher escrever versos com conteúdo sexual.

¹ Gilka Machado nasceu em 1893, no Rio de Janeiro, faleceu na mesma cidade, em 1980, aos 87 anos.

Gilka escrevia sobre a mulher terrena e/com seus anseios, prazeres e desejos femininos, indo na contramão de um ideal de “expressão feminina brasileira” e de “textos de mulheres” na literatura, imposto pelos críticos e os acadêmicos da época, na grande maioria homens. Em seus poemas, buscou abordar a denúncia da opressão às mulheres no Brasil, como também a situação das classes sociais menos abastadas, deixando explícito o descaso do governo em relação a estes.

A poeta viveu em um período de transição, reunindo as tendências literárias conservadoras e progressistas do início do século XX brasileiro. Ela se comunica com essas tendências, como é de se esperar, entre tudo, constrói uma voz poética própria, marcada por grande carga de emancipação do corpo feminino e por reflexões sobre o papel social e cultural das mulheres, com uma completa consciência poética expressada em sua poesia.

Machado não somente coloca sua visão como mulher em seus escritos, mas também sobre o corpo feminino em uma sociedade falocêntrica. Corpo esse, metafísico e social, marcado pelo desejo, pela política, espaço geográfico e dogmas culturais e sociais, quebrando com a constante da réplica do discurso masculino sobre a mulher. A partir deste, a autora não apenas faz poesia, mas também se faz em poesia.

Neste artigo escolhemos analisar especialmente os poemas “O retrato fiel” (1965) e “Ser mulher” (1915) de Gilka Machado, em conjunto com as fotografias de Ana Gilbert, na exposição “Ficções do Eu” (2021), tomando-as não como maneira de ilustrar ou explicar a poesia de Machado, mas sim, como narrativas complementares proferidas pela ótica feminina a despeito do corpo feminino e como formas de interromper a constante do “corpo feminino tal como é construído ou imaginado pelo discurso masculino” (CHAUI, 2006, p.72).

Assumindo a intersemiose como o eixo que articula os signos desses diferentes sistemas de arte, discutimos sobre como as imagens de Ana Gilbert alcançam novos sentidos ao lado dos textos de Gilka Machado, e de como os textos também se apresentam a novas leituras ao serem vinculados às imagens e as representações do corpo em sociedade (GUBERMAN, 1999). Ou seja, propomos diferentes percepções em relação à construção das identidades sociais e culturais com base em tais produções.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A mulher na sociedade patriarcal, restrita aos domínios do corpo, foi separada de sua subjetividade, ou seja, de construir uma subjetividade para si mesma. Ela teve acesso negado ao seu corpo, a sua existência e a consciência de si mesma.

O corpo supradito como paradigma, não era o dela, este não fazia parte da construção da memória, e se não habitava a memória, só poderia ter um destino, o esquecimento.

Tendo consciência desse lugar vazio e sem nome, Gilka Machado conseguiu criar uma linguagem específica, um texto corporal único, uma escritura tecida por mãos que tateavam constantemente o silêncio, e que assim só poderia vir e borbulhar como um grito de resistência.

Ana Gilbert, cria imagens como Gilka Machado cria poemas. Não com palavras, mas sim com luz e sobras, Gilbert utiliza de um alto contraste para passar suas mensagens, seu grito de resistência.

Em suas obras é observado sempre um jogo de antítese, a fotógrafa trabalha com o jogo de luz e sombras de uma maneira a comunicar o mostrar e esconder,

transmitindo, simultaneamente, os sentimentos de liberdade e confinamento. A artista coloca seu corpo ativamente na obra, e com esse, transmite suas aflições, angústias e alegrias.

4. CONCLUSÕES

Gilka Machado e Ana Gilbert, encontrando-se em sociedades que lhe negam a liberdade de falar por si mesmas, a liberdade de serem agentes de sua própria voz, ambas “tomam” a palavra para si e com perspicácia conseguem, através de suas obras, reapresentar o corpo na poética e se expressando no corpo do poema/fotografia.

Ambas se demonstram com base na antítese, entre o desejo de liberdade da mulher e a prisão que lhe oferece a sociedade machista, que as criticam sem ao menos as conhecer, que as supõe em pensamentos e discursos de terceiros.

As artistas, por meio de suas obras e estéticas, fazem e propõem um exercício de conhecimento do próprio corpo. Nesse exercício a mulher investe na busca da construção de sua identidade, levando a uma ruptura com o modelo dominante, o da superioridade do masculino, o falocentrismo, ao se dar a oportunidade de experiência do autoconhecimento, e por sua vez o autoconhecimento encaminha ao conhecimento do outro e do mundo e à consciência do poder que temos de transformá-lo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUI, M.; SCHUMAHER, S.; PIÑO, N. **Século XX - A Mulher Conquista O Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Aprazível, 2006.
- GUBERMAN, M. **O corpo na poesia hispano americana de vanguarda**. Londrina: Editora Uel, 1999.
- MACHADO, G. “O retrato fiel”. In: **Velha poesia** (seleção de poemas). Rio de Janeiro: Editora Baptista de Souza, 1965.
- _____. “Ser mulher”. In: **Cristais partidos**. Rio de Janeiro: s/n, 1915.